

## **A Confissão de Lúcio**

**Mário de Sá-Carneiro**  
A Confissão de Lúcio

Novela

*A António Ponce de Leão*

*... assim éramos nós obscuramente  
dois, nenhum de nós sabendo bem  
se o outro não era ele-próprio,  
se o incerto outro viveria...*

FERNANDO PESSOA  
*Na Floresta do Albeamento*

*Cumpridos dez anos de prisão por um crime que não pratiquei e do qual, entanto, nunca me defendi, morto para a vida e para os sonhos: nada podendo já esperar e coisa alguma desejando – eu venho fazer enfim a minha confissão: isto é, demonstrar a minha inocência.*

*Talvez não me acreditem. Decerto que não me acreditam. Mas pouco importa. O meu interesse hoje em gritar que não assassinei Ricardo de Loureiro é nulo. Não tenho família; não preciso que me reabilitem. Mesmo, quem esteve dez anos preso, nunca se reabilita. A verdade simples é esta.*

*E àqueles que, lendo o que fica exposto, me perguntarem: «Mas por que não fez a sua confissão quando era tempo? Por que não demonstrou a sua inocência ao tribunal?», a esses responderei: – A minha defesa era impossível. Ninguém me acreditaria. E fora inútil fazer-me passar por um embusteiro ou por um doido... Demais, devo confessar, após os acontecimentos em que me vira envolvido nessa época, ficara tão despedaçado que a prisão se me afigurava uma coisa sorridente. Era o esquecimento, a tranquilidade, o sono. Era um fim como qualquer outro – um termo para a minha vida devastada. Toda a minha ânsia foi pois de ver o processo terminado e começar cumprindo a minha sentença.*

*De resto, o meu processo foi rápido. Oh! o caso parecia bem claro... Eu nem negava nem confessava. Mas quem cala consente... E todas as simpatias estavam do meu lado.*

*O crime era, como devem ter dito os jornais do tempo, um «crime passionnal». Cherchez la femme. Depois, a vítima um poeta – um artista. A mulher romantizara-se desaparecendo. Eu era um herói, no fim de contas. E um herói com seus laivos de mistério, o que mais me aureolava. Por tudo isso, independentemente do belo discurso de defesa, o júri concedeu-me circunstâncias atenuantes. E a minha pena foi curta.*

*Ah! foi bem curta – sobretudo para mim... Esses dez anos esvoaram-se-me como dez meses. É que, em realidade, as horas não podem mais ter acção sobre aqueles que viveram um instante que focou toda a sua vida. Atingido o sofrimento máximo, nada já nos faz sofrer. Vibradas as sensações máximas, nada já nos fará oscilar. Simplesmente, este momento culminante raras são as criaturas que o vivem. As que o viveram ou são, como eu, os mortos-vivos, ou – apenas – os desencantados que, muita vez, acabam no suicídio.*

*Contudo, ignoro se é felicidade maior não se existir tamanho instante. Os que o não vivem têm a paz – pode ser. Entretanto, não sei. E a verdade é que todos esperam esse momento luminoso. Logo, todos são infelizes. Eis pelo que, apesar de tudo, eu me orgulho de o ter vivido.*

*Mas ponhamos termo aos devaneios. Não estou escrevendo uma novela. Apenas desejo fazer uma exposição clara de factos. E, para a clareza, vou-me lançando em mau caminho – parece-me. Aliás, por muito lúcido que queira ser, a minha confissão resultará – estou certo – a mais incoerente, a mais perturbadora, a menos lúcida.*

*Uma coisa garanto porém: durante ela não deixarei escapar um pormenor, por mínimo que seja, ou aparentemente*

*incaerístico. Em casos como o que tento explanar, a luz só pode nascer de uma grande soma de factos. E são apenas factos que eu relatarei. Desses factos, quem quiser, tire as conclusões. Por mim, declaro que nunca o experimentei. Endoideceria, seguramente.*

*Mas o que ainda uma vez, sob a minha palavra de honra, afirmo é que só digo a verdade. Não importa que me acreditem, mas só digo a verdade – mesmo quando ela é inverosímil.*

*A minha confissão é um mero documento.*

## I

Por 1895, não sei bem como, achei-me estudando Direito na Faculdade de Paris, ou melhor, não estudando. Vagabundo da minha mocidade, após ter tentado vários *fins* para a minha vida e de todos igualmente desistido – sedento de Europa, resolvera transportar-me à grande capital. Logo me embrenhei por meios mais ou menos artísticos, e Gervásio Vila-Nova, que eu mal conhecia de Lisboa, volveu-se-me o companheiro de todas as horas. Curiosa personalidade essa de grande artista falido, ou antes, predestinado para a falência.

Perturbava o seu aspecto físico, macerado e esguio, e o seu corpo de linhas quebradas tinha estilizações inquietantes de feminilismo histérico e apoiado, umas vezes – outras, contrariamente, de ascetismo amarelo. Os cabelos compridos, se lhe descobriam a testa ampla e dura, terrível, evocavam cilícios, abstenções roxas; se lhe escondiam a fronte, ondeadamente, eram só ternura, perturbadora ternura de espasmos dourados e beijos subtis. Trajava sempre de preto, fatos largos, onde havia o seu quê de sacerdotal – nota mais frisantemente dada pelo colarinho direito, baixo, fechado. Não era enigmático o seu rosto – muito pelo contrário – se lhe cobriam a testa os cabelos ou o chapéu. Entanto, coisa bizarra, no seu

corpo havia mistério – corpo de esfinge, talvez, em noites de luar. Aquela criatura não se nos gravava na memória pelos seus traços fisionômicos, mas sim pelo seu estranho perfil. Em todas as multidões ele se destacava, era olhado, comentado – embora, em realidade, a sua silhueta à primeira vista parecesse não se dever salientar notavelmente: pois o fato era negro – apenas de um talhe um pouco exagerado –, os cabelos não escandalosos, ainda que longos; e o chapéu, um *bonet* de fazenda – esquisito, era certo –, mas que em todo o caso muitos artistas usavam, quase idêntico.

Porém, a verdade é que em redor da sua figura havia uma auréola. Gervásio Vila-Nova era aquele que nós olhamos na rua, dizendo: ali, deve ir *alguém*.

Todo ele encantava as mulheres. Tanta rapariguinha que o seguia de olhos fascinados quando o artista, sobranceiro e esguio, investigava os cafés... Mas esse olhar, no fundo, era mais o que as mulheres lançam a uma criatura do seu sexo, formosíssima e luxuosa, cheia de pedrarias...

– Sabe, meu caro Lúcio – dissera-me o escultor, muita vez –, não sou eu nunca que possuo as minhas amantes; elas é que me possuem...

Ao falar-nos, brilhava ainda mais a sua chama. Era um conversador admirável, adorável nos seus erros, nas suas ignorâncias, que sabia defender intensamente, sempre vitorioso; nas suas opiniões revoltantes e belíssimas, nos seus paradoxos, nas suas *blagues*. Uma criatura superior – ah! sem dúvida. Uma destas criaturas que se enclavam na memória – e nos perturbam, nos obcecamos. Todo fogo!, todo fogo!

Entretanto, se o examinávamos com a nossa inteligência, e não apenas com a nossa vibratibilidade, logo víamos que, infelizmente, tudo se cifrava nessa auréola, que o seu génio – talvez por demasiado luminoso – se consumiria a si próprio, incapaz de se condensar numa obra –

disperso, quebrado, ardido. E assim aconteceu, com efeito. Não foi um falhado porque teve a coragem de se despedaçar.

A uma criatura como aquela não se podia ter afecto, embora no fundo ele fosse um excelente rapaz; mas ainda hoje evoco com saudade as nossas palestras, as nossas noites de café – e chego a convencer-me que, sim, realmente, o destino de Gervásio Vila-Nova foi o mais belo; e ele um grande, um genial artista.

Tinha muitas relações no meio artístico o meu amigo. Literatos, pintores, músicos, de todos os países. Uma manhã, entrando no meu quarto, desfechou-me:

– Sabe, meu caro Lúcio, apresentaram-me ontem uma americana muito interessante. Calcule, é uma mulher riquíssima que vive num palácio que propositadamente fez construir no local onde existiam dois grandes prédios que ela mandou deitar abaixo – isto, imagine você, em plena Avenida do Bosque de Bolonha! Uma mulher linda. Nem calcula. Quem ma apresentou foi aquele pintor americano dos óculos azuis. Recorda-se? Eu não sei como ele se chama... Podemos-la encontrar todas as tardes no Pavilhão de Armenonville. Costuma ir lá tomar chá. Quero que você a conheça. Vai ver. Interessantíssima!

No dia seguinte – uma esplêndida tarde de Inverno, tépida, cheia de sol e céu azul –, tomando um fiacre, lá nos dirigimos ao grande restaurante. Sentámo-nos; mandou-se vir chá... Dez minutos não tinham decorrido, quando Gervásio me tocava no braço. Um grupo de oito pessoas entrava no salão – três mulheres, cinco homens. Das mulheres, duas eram loiras, pequeninas, de pele de rosas e leite; de corpos harmoniosos, sensuais – idênticas a tantas inglesas adoráveis. Mas a outra, em verdade,

era qualquer coisa de sonhadoramente, de misteriosamente belo. Uma criatura alta, magra, de um rosto esguio de pele dourada – e uns cabelos fantásticos, de um ruivo incendiado, alucinante. A sua formosura era uma destas belezas que inspiram receio. Com efeito, mal a vi, a minha impressão foi de medo – de um medo semelhante ao que experimentamos em face do rosto de alguém que praticou uma acção enorme e monstruosa.

Ela sentou-se sem ruído; mas logo, vendo-nos, correu estendendo as mãos para o escultor:

– Meu caro, muito prazer em o encontrar... Falaram-me ontem muito bem de si... Um seu compatriota... um poeta... M. de Loureiro, julgo.

Foi difícil adivinhar o apelido português entre a pronúncia mesclada.

– Ah... Não o sabia em Paris – murmurou Gervásio.

E para mim, depois de me haver apresentado à estrangeira:

– Você conhece? Ricardo de Loureiro, o poeta das *Brasas*...

Que nunca lhe falara, que apenas o conhecia de vista e, sobretudo, que admirava intensamente a sua obra.

– Sim... não discuto isso... você bem vê, para mim já essa arte passou. Não me pode interessar... Leia-me os *selvagens*, homem, que diacho!...

Era uma das *scies* de Gervásio Vila-Nova: elogiar uma pseudo-escola literária da última hora – o Selvagismo, cuja novidade residia em os seus livros serem impressos sobre diversos papéis e com tintas de várias cores, numa estrambótica disposição tipográfica. – Também – e eis o que mais entusiasmava o meu amigo – os poetas e prosadores selvagens, abolindo a ideia, «esse escarro», traduziam as suas emoções unicamente em jogo silábico, por onomatopeias rasgadas, bizarras: criando mesmo novas palavras que coisa alguma significavam e cuja beleza, se-

gundo eles, residia justamente em não significarem coisa alguma... De resto, até aí, parece que apenas se publicara um livro dessa escola. Certo poeta russo de nome arrevesado. Livro que Gervásio seguramente não lera, mas que todavia se não cansava de exaltar, gritando-o assombroso, genial...

A mulher estranha chamou-nos para a sua mesa e apresentou-nos os seus companheiros, que ainda não conhecíamos: o jornalista Jean Lamy, do *Figaro*, o pintor holandês Van Derk e o escultor inglês Tomás Westwood. Os dois outros eram o pintor americano dos óculos azuis e o inquietante viscondezinho de Naudières, louro, diáfano, maquilado. Quanto às duas raparigas, limitou-se apontando-nos:

– Jenny e Dora.

A conversa logo se entabulou ultracivilizada e banal. Falou-se de modas, discutiu-se teatro e *music-hall*, com muita arte à mistura. E quem mais se distinguiu, quem em verdade até exclusivamente falou, foi Gervásio. Nós limitávamo-nos – como acontecia com todos, perante ele, perante a sua intensidade – a ouvir, ou, quando muito, a protestar. Isto é: a dar ensejo para que ele brilhasse...

– Sabe, meu querido Lúcio – uma vez contara-me o escultor –, o Fonseca diz que é um *ofício* acompanhar-me. E uma arte difícil, fatigante. E que eu falo sempre; não deixo o meu interlocutor repousar. Obrigoo a ser intenso, a responder-me... Sim, concordo que a minha companhia seja fatigante. Vocês têm razão.

*Vocês* – note-se em parênteses – era todo o mundo, menos Gervásio... E o Fonseca, de resto, um pobre pintorzinho da Madeira, «pensionista do Estado», de barbichas, *lavallière*, cachimbo – sempre calado e oco, olhando nostalgicamente o espaço, à procura talvez da sua ilha perdida... Um santo rapaz!

Depois de muito se conversar sobre teatro e de Ger-vásio ter proclamado que os actores – ainda os maiores, como a Sara, o Novelli – não passavam de meros cabotinos, de meros intelectuais que *aprendiam* os seus papéis, e de garantir – «creiam os meus amigos que é assim» – que a verdadeira arte apenas existia entre os saltimbancos; esses *saltimbancos* que eram um dos seus estribilhos e sobre os quais, na noite em que nos encontráramos em Paris, logo me narrara, em confidências, uma história tétrica; o seu rapto por uma companhia de pelotiqueiros, quando tinha dois anos e os pais o haviam mandado, barbaramente, para uma ama da serra da Estrela, mulher de um oleiro, do qual, sem dúvida, ele herdara a sua tendência para a escultura e de quem, na verdade, devido a uma troca de berços, era até muito possível que fosse filho – a conversa deslizou, não sei como, para a voluptuosidade na arte.

E então a americana bizarra logo protestou:

– Acho que não devem discutir o papel da voluptuosidade na arte porque, meus amigos, a voluptuosidade é uma arte – e, talvez, a mais bela de todas. Porém, até hoje, raros a cultivaram nesse espírito. Venham cá, digam-me: fremir em espasmos de aurora, em êxtases de chama, ruivos de ânsia – não será um prazer bem mais arrepiado, bem mais intenso do que o vago calafrio de beleza que nos pode proporcionar uma tela genial, um poema de bronze? Sem dúvida, acreditem-me. Entretanto o que é necessário é saber vibrar esses espasmos, *saber provocá-los*. E eis o que ninguém sabe; eis no que ninguém pensa. Assim, para todos, os prazeres dos sentidos são a luxúria, e se resumem em amplexos brutais, em beijos húmidos, em carícias repugnantes, viscosas. Ah! mas aquele que fosse um grande artista e que, para matéria-prima, tomasse a voluptuosidade, que obras irreais de admiráveis não altearia!... Tinha o fogo, a luz,

o ar, a água, e os sons, as cores, os aromas, os narcóticos e as sedas – tantos sensualismos novos ainda não explorados... Como eu me orgulharia de ser esse artista!... E sonho uma grande festa no meu palácio encantado, em que os maravilhasse de volúpia... em que fizesse descer sobre vós os arrepios misteriosos das luzes, dos fogos multicores – e que a vossa carne, então, sentisse enfim o fogo e a luz, os perfumes e os sons, penetrando-a a dimaná-los, a esvaí-los, a matá-los!... Pois nunca atentaram na estranha voluptuosidade do fogo, na perversidade da água, nos requintes viciosos da luz?... Eu confesso-lhes que sinto uma verdadeira excitação sexual (*mas de desejos espiritualizados de beleza*) ao mergulhar as minhas pernas todas nuas na água de um regato, ao contemplar um braseiro incandescente, ao deixar o meu corpo iluminar-se de torrentes eléctricas, luminosas... Meus amigos, creiam-me, não passam de uns bárbaros, por mais requintados, por mais complicados e artistas que presumam aparentar!

Gervásio insurgiu-se: «Não; a voluptuosidade não era uma arte. Falassem-lhe do ascetismo, da renúncia. Isso sim!... A voluptuosidade ser uma arte? Banalidade... Toda a gente o dizia ou, no fundo, mais ou menos o pensava.»

E por aqui fora, adoravelmente dando a conhecer que só por se lhe afigurar essa a opinião mais geral ele a combatia.

Durante toda a conversa, apenas quem nunca arriscara uma palavra tinham sido as duas inglesinhas, Jenny e Dora – sem também desprezarem ainda de Gervásio, um só instante, os olhos azuis e louros.

Entretanto as cadeiras haviam-se deslocado e, agora, o escultor sentava-se junto da americana. Que belo grupo! Como os dois perfis se casavam bem na mesma sombra esbatidos – duas feras de amor, singulares, perturbadoras, evocando mordoradamente perfumes esfíngicos,

luas amarelas, crepúsculos de roxidão. Beleza, perversidade, vício e doença.

Mas a noite descera. Um par de amorosos do grande mundo entrava a refugiar-se no célebre estabelecimento, quase deserto pelo Inverno.

A americana excêntrica deu o sinal de partida; e quando ela se ergueu eu notei, duvidosamente notei, que calçava umas estranhas sandálias, nos pés nus... *nos pés nus de unhas douradas...*

Na Porta Maillot, tomámos o *tramway* para Montparnasse, começando Gervásio:

– Então, Lúcio, que lhe pareceu a minha americana?

– Muito interessante.

– Sim? Mas você não deve gostar daquela gente. Eu compreendo bem. Você é uma natureza simples, e por isso...

– Ao contrário – protestava eu em idiotice –, admiro muito essa gente. Acho-os interessantíssimos. E quanto à minha simplicidade...

– Ah, pelo meu lado, confesso que os adoro... Sou todo ternura por eles. Sinto tantas afinidades com essas criaturas... como também as sinto com os pederastas... com as prostitutas... Oh! é terrível, meu amigo, terrível...

Eu sorria apenas. Estava já acostumado. Sabia bem o que significava tudo aquilo. Isto só: *Arte*.

Pois Gervásio partia do princípio de que o artista não se revelava pelas suas obras, mas sim, unicamente, pela sua personalidade. Queria dizer: ao escultor, no fundo, pouco importava a obra de um artista. Exigia-lhe porém que fosse interessante, genial, no seu aspecto físico, na sua maneira de ser – no seu modo exterior, numa palavra:

– Porque isto, meu amigo, de se chamar artista, de se chamar homem de génio, a um patusco obeso como Bal-

zac, corcovado, aborrecido, e que é vulgar na sua conversa, nas suas opiniões – não está certo; não é justo nem admissível.

– Ora... – protestava eu, citando verdadeiros grandes artistas, bem inferiores no seu aspecto físico.

E então Gervásio Vila-Nova tinha respostas impagáveis.

Se por exemplo – o que raro acontecia – o nome citado era o de um artista que ele já alguma vez me elogiara pelas suas obras, volvia-me:

– O meu amigo desculpe-me, mas é muito pouco lúcido. Esse de quem me fala, embora aparentemente medíocre, era todo chama. Pois não sabe quando ele...

E inventava qualquer anedota interessante, bela, intensa, que atribuía ao seu homem...

E eu calava-me...

De resto, era outro traço característico em Gervásio: construir as individualidades como lhe agradava que fossem, e não as ver como realmente eram. Se lhe apresentavam uma criatura com a qual, por qualquer motivo, simpatizava – logo lhe atribuía opiniões, modos de ser do seu agrado; embora, em verdade, a personagem fosse a antítese disso tudo. É claro que um dia chegava a desilusão. Entretanto, longo tempo ele tinha a força de sustentar o encanto...

Pelo caminho, não pude deixar de lhe observar:

– Você reparou que ela trazia os pés descalços, em sandálias, e as unhas douradas?

– Você crê?... Não...

A desconhecida estranha impressionara-me vivamente e, antes de adormecer, largo tempo a relembrei e à roda que a contemplava.

Ah! como Gervásio tinha razão, como eu no fundo abominava essa gente – *os artistas*. Isto é, os falsos artistas cuja obra se encerra nas suas atitudes; que falam petu-

lantemente, que se mostram complicados de sentidos e apetites, artificiais, irritantes, intoleráveis. Enfim, que são os exploradores da arte apenas no que ela tem de falso e de exterior.

Mas, na minha incoerência de espírito, logo me vinha outra ideia:

«Ora, se os odiava, era só afinal por os invejar e não poder nem saber ser como eles...»

Em todo o caso, mesmo abominando-os realmente, o certo é que me atraíam como um vício pernicioso.

Durante uma semana – o que raro acontecia – estive sem ver Gervásio.

Ao fim dela, apareceu-me e contou-me:

– Sabe, tenho estreitado relações com a nossa americana. É na verdade uma criatura interessantíssima. E muito artista... Aquelas duas pequenas são amantes dela. E uma grande sáfica.

– Não...

– Asseguro-lhe.

E não falámos mais na estrangeira.

Passou-se um mês. Eu já me esquecera da mulher fulva, quando uma noite o escultor me participou de súbito:

– É verdade: aquela americana que eu lhe apresentei outro dia dá amanhã uma grande *soirée*. Você está convidado.

– Eu!?!...

– Sim. Ela disse-me que levasse alguns amigos. E falou-me de si. Aprecia-o muito... Aquilo deve ser curioso. Há uma representação no fim – umas apoteoses, uns baillados ou o quer que é. Entanto se é maçador para você não venha. Eu creio que estas coisas o aborrecem...

Protestei, idiotamente ainda, como era meu hábito;

afirmei que, pelo contrário, tinha até um grande empenho em o acompanhar, e marcámos *rendez-vous* para a noite seguinte, na Closerie, às dez horas.

No dia da festa, arrependi-me de haver aceitado. Eu era tão avesso à vida mundana... E depois, ter que envergar um *smoking*, perder uma noite...

Enfim... enfim...

Quando cheguei ao café – caso estranho! – já o meu amigo chegara. E disse-me:

– Ah... sabe? Temos que esperar ainda pelo Ricardo de Loureiro. Também está convidado. E ficou de se encontrar aqui comigo. Olhe, aí vem ele...

E apresentou-nos:

– O escritor Lúcio Vaz.

– O poeta Ricardo de Loureiro.

E nós, um ao outro:

– Muito gosto em o conhecer pessoalmente.

Pelo caminho a conversa foi-se entabulando e, ao primeiro contacto, logo experimentei uma viva simpatia por Ricardo de Loureiro. Adivinhava-se naquele rosto árabe de traços decisivos, bem vincados, uma natureza franca, aberta – luminosa por uns olhos geniais, intensamente negros.

Falei-lhe da sua obra, que admirava, e ele contou-me que lera o meu volume de novelas e que, sobretudo, lhe interessara o conto chamado «João Tortura». Esta opinião não só me lisonjeou, como mais me fez simpatizar com o poeta, adivinhando nele uma natureza que compreenderia um pouco a minha alma. Efectivamente, essa novela era a que eu preferia, que de muito longe eu preferia, e entretanto a única que nenhum crítico desta-

cara – que os meus amigos mesmo, sem mo dizerem, reputavam a mais inferior.

Brilhantíssima aliás a conversa do artista, além de insinuante, e pela vez primeira eu vi Gervásio calar-se – ouvir, ele que em todos os grupos era o dominador.

Por fim o nosso *coupé* estacou em face de um magnífico palácio da Avenida do Bosque, todo iluminado através de cortinas vermelhas, de seda, fantasticamente. Carruagens, muitas, à porta – contudo uma mescla de fiacres mais ou menos avariados, e algumas soberbas equipagens particulares.

Descemos.

A entrada, como no teatro, um laçao recebeu os nossos cartões de convite e outro imediatamente nos empurrou para um ascensor, que, rápido, nos ascendeu ao primeiro andar. Então, deparou-se-nos um espectáculo assombroso:

Uma grande sala elíptica, cujo tecto era uma elevadíssima cúpula rutilante, sustentada por colunas multicores em mágicas volutas. Ao fundo, um estranho palco erguido sobre esfinges bronzeadas, do qual – por degraus de mármore rosa – se descia a uma larga piscina semicircular, cheia de água translúcida. Três ordens de galerias – de forma que todo o aspecto da grande sala era o de um opulento, fantástico teatro.

Em qualquer parte, ocultamente, uma orquestra moía valsas.

À nossa entrada – foi sabido – todos os olhares se fixaram em Gervásio Vila-Nova, hierático, belíssimo, na sua casaca negra, bem cintada. E logo a estrangeira se nos precipitou a perguntar a nossa opinião sobre a sala. Com efeito, os arquitectos apenas há duas semanas a tinham dado por concluída. Aquela festa sumptuosa era a sua inauguração.

Gritámos o nosso pasmo em face à maravilha, e ela, a encantadora, teve um sorriso de mistério:

– Logo, é que eu desejo conhecer o vosso juízo...  
*E, sobretudo, o que pensam das luzes...*

Um deslumbramento, o traje da americana. Envolvia-a uma túnica de um tecido muito singular, impossível de descrever. Era como que uma estreita malha de fios metálicos – mas dos metais mais diversos – a fundirem-se numa cintilação esbraseada, onde todas as cores ora se enclavinavam ululantes, ora se dimanavam, silvando tumultos astrais de reflexos. *Todas as cores enlouqueciam na sua túnica.*

Por entre as malhas do tecido, olhando bem, divisava-se a pele nua; e o bico de um seio despontava numa agudeza áurea.

Os cabelos fulvos tinha-os enrolado desordenadamente e entretecido de pedrarias que constelavam aquelas labaredas em raios de luz ultrapassada. Mordiam-se-lhe nos braços serpentes de esmeraldas. Nem uma jóia sobre o decote profundo... A estátua inquietadora do desejo contorcido, do vício platinado... E de toda a sua carne, em penumbra azul, emanava um aroma denso a crime.

Rápida, após momentos, ela se afastou de nós a receber outros convidados.

A sala enchera-se entretanto de uma multidão bizarra e esquisita. Eram estranhas mulheres quase nuas nos seus trajes audaciosos de baile, e rostos suspeitos sobre as uníssonas e negras vestes masculinas de cerimónia. Havia russos hirsutos e fulvos, escandinavos suavemente louros, meridionais densos, crespos – e um chinês, um índio. Enfim, condensava-se ali bem o Paris cosmopolita – *rastaquouère* e genial.

Até à meia-noite, dançou-se e conversou-se. Nas galerias jogava-se infernalmente. Mas a essa hora foi anunciada a ceia; e todos passámos ao salão de jantar – outra maravilha.

Pouco antes chegara-se a nós a americana e, confidencialmente, nos dissera:

– Depois da ceia, é o espectáculo – o meu Triunfo! Quis condensar nele as minhas ideias sobre a voluptuosidade-arte. Luzes, corpos, aromas, o fogo e a água – tudo se reunirá numa orgia de carne espiritualizada em ouro!

.....  
Ao entrarmos novamente na grande sala – por mim, confesso, tive medo... recuei...

Todo o cenário mudara – era como se fosse outro o salão. Inundava-o um perfume denso, arrepiante de êxtases, silvava-o uma brisa misteriosa, *uma brisa cinzenta com laivos amarelos* – não sei porquê, pareceu-me assim, bizarramente –, aragem que nos fustigava a carne em novos arrepios. Entanto, o mais grandioso, o mais alucinador, era a iluminação. Declaro-me impotente para a descrever. Apenas, num esforço, poderei esboçar onde residia a sua singularidade, o seu quebranto:

Essa luz – evidentemente eléctrica – provinha de uma infinidade de globos, de estranhos globos de várias cores, vários desenhos, de transparências várias – mas, sobretudo, de ondas que projectores ocultos nas galerias golfavam em esplendor. Ora essas torrentes luminosas, todas orientadas para o mesmo ponto quimérico do espaço, convergiam nele em um turbilhão – e, desse turbilhão meteórico, é que elas realmente, em ricochete enclavinado, se projectavam sobre paredes e colunas, se espalhavam no ambiente da sala, apoteotizando-a.

De forma que a luz total era uma projecção da própria luz – em outra luz, seguramente, mas a verdade é que a maravilha que nos iluminava nos não parecia luz. Afigurava-se-nos qualquer outra coisa – um fluido novo. Não divago; descrevo apenas uma sensação real: essa luz, nós sentíamos-la mais do que a víamos. E não receio avan-

çar muito afirmando que ela não impressionava a nossa vista, mas sim o nosso tacto. *Se de súbito nos arrancassem os olhos, nem por isso nós deixaríamos de ver.* E depois – eis o mais bizarro, o mais esplêndido – nós respirávamos o estranho fluido. Era certo, juntamente com o ar, com o perfume roxo do ar, sorvíamos essa luz que, num êxtase iriado, numa vertigem de ascensão, se nos engolfava pelos pulmões, nos invadia o sangue, nos volvia todo o corpo sonoro. Sim, essa luz mágica ressoava em nós, ampliando-nos os sentidos, alastrando-nos em vibratili-dade, dimanando-nos, aturdindo-nos... Debaixo dela, toda a nossa carne era sensível aos espasmos, aos aromas, às melodias!...

E não foi só a nós, requintados de ultracivilização e arte, que o mistério rutilante fustigou. Pois em breve todos os espectadores evidenciavam, em rostos confundidos e gestos ansiosos, que um ruivo sortilégio os varara sob essa luz de além-Inferno, sob essa luz *sexualizada*.

Mas de súbito toda a iluminação se transformou divergindo num resvalamento arqueado; e outro frémito mais brando nos diluiu então, como beijos de esmeraldas sucedendo a mordeduras.

Uma música penetrante tilintava nessa nova aurora, em ritmos desconhecidos – esguia melopeia em que soçobravam gomos de cristal entrechocando-se, onde palmas de espadas refrescavam o ar esbatidamente, onde listas húmidas de sons se vaporizavam subtis...

Enfim: prestes a esvairmo-nos num espasmo derradeiro da alma – tinham-nos sustido para nos alastrarem o prazer.

E, ao fundo, o pano de teatro descerrou-se sobre um cenário aureoral... Extinguiu-se a luz perturbadora, e jorros de electricidade branca nos iluminaram apenas.

No palco surgiram três dançarinas. Vinham de tranças soltas – blusas vermelhas lhes encerravam os troncos,

deixando-lhes os seios livres, oscilantes. Ténues gazes rasgadas lhes pendiam das cinturas. Nos ventres, entre as blusas e as gazes, havia um intervalo – um cinto de carne nua onde se desenhavam flores simbólicas.

As bailadeiras começaram as suas danças. Tinham as pernas nuas. Volteavam, saltavam, reuniam-se num grupo, embaralhavam os seus membros, mordiam-se nas bocas...

Os cabelos da primeira eram pretos, e a sua carne esplêndida de sol. As pernas, talhadas em aurora loura, esgueiravam-se-lhe em luz radiosa a nimbar-se, junto do sexo, numa carne mordorada que apetecia trincar.

Mas o que as fazia mais excitantes era a saudade límpida que lembravam de um grande lago azul de água cristalina onde, uma noite de luar, elas se mergulhassem descalças e amorosas.

A segunda bailadeira tinha o tipo característico da adolescente pervertida. Magra – porém de seios bem visíveis –, cabelos de um louro sujo, cara provocante, nariz arrebitado. As suas pernas despertavam desejos brutais de as morder, escalavradas de músculos, de durezas – masculinamente.

Enfim, a terceira, a mais perturbadora, era uma rapariga frígida, muito branca e macerada, esguia, evocando misticismos, doença, nas suas pernas de morte – devastadas.

Entanto o baile prosseguia. Pouco a pouco os seus movimentos se tornavam mais rápidos até que por último, num espasmo, as suas bocas se uniram e, rasgados todos os véus – seios, ventres e sexos descobertos –, os corpos se lhes emaranharam, agonizando num arqueamento de vício.

E o pano cerrou-se na mesma placidez luminosa... Houve depois outros quadros admiráveis: dançarinas nuas perseguindo-se na piscina, a mimarem a atracção sexual da água, estranhas bailadeiras que esparziam aromas que

mais entenebreciam, em quebranto, a atmosfera fantástica da sala, apoteoses de corpos nus, amontoados – visões luxuriosas de cores intensas, rodopiantes de espasmos, sinfonias de sedas e veludos que sobre corpos nus volteavam...

Mas todas estas maravilhas – incríveis de perversidade, era certo – nos não excitavam fisicamente em desejos lúbricos e bestiais; antes numa ânsia de alma, esbraseada e, ao mesmo tempo, suave: extraordinária, deliciosa.

*Escoava-se por nós uma impressão de excesso.*

Entanto os delírios que as almas nos fremiam, não os provocavam unicamente as visões lascivas. De maneira alguma. O que oscilávamos, provinha-nos de uma sensação total idêntica à que experimentamos ouvindo uma partitura sublime executada por uma orquestra de mestres. E os quadros sensuais valiam apenas como um instrumento dessa orquestra. Os outros: as luzes, os perfumes, as cores... Sim, todos esses elementos se fundiam num conjunto admirável que, ampliando-a, nos penetrava a alma, e que só a nossa alma sentia em febre de longe, em vibração de abismos. Éramos todos alma. *Desciam-nos só da alma os nossos desejos carnaís.*

Porém nada valeu em face da última visão:

Raiaram mais densas as luzes, mais agudas e penetrantes, caindo agora, em jorros, do alto da cúpula – e o pano rasgou-se sobre um vago tempo asiático... Ao som de uma música pesada, rouca, longínqua – *ela* surgiu, a mulher fulva...

E começou dançando...

Envolvia-a uma túnica branca, listada de amarelo. Cabelos soltos, loucamente. Jóias fantásticas nas mãos; e os pés descalços, constelados...

Ai, como exprimir os seus passos silenciosos, húmidos, frios de cristal; o marulhar da sua carne ondeando; o álcool dos seus lábios que, num requinte, ela doura-

ra – toda a harmonia esvaecida nos seus gestos; todo o horizonte difuso que o seu rodopiar suscitava, nevoadamente...

Entretanto, ao fundo, numa ara misteriosa, o fogo ateara-se...

Vício a vício a túnica lhe ia resvalando, até que, num êxtase abafado, soçobrou a seus pés... Ah! nesse momento, em face à maravilha que nos varou, ninguém pôde conter um grito de assombro...

Quimérico e nu, o seu corpo subtilizado, erguia-se litúrgico entre mil cintilações irreais. Como os lábios, os bicos dos seios e o sexo estavam dourados – num ouro pálido, doentio. E toda ela serpenteava em misticismo escarlate a querer-se dar ao fogo...

Mas o fogo repelia-a...

Então, numa última perversidade, de novo tomou os véus e se ocultou, deixando apenas nu o sexo áureo – terrível flor de carne a estrebuchar agonias magentas...

Vencedora, tudo foi lume sobre ela...

E, outra vez desvendada – esbraseada e feroz, saltava agora por entre labaredas, rasgando-as: emaranhando, *possuindo*, todo o fogo bêbado que a cingia.

Mas finalmente saciada, após estranhas epilepsias, num salto prodigioso, como um meteoro – ruivo meteoro – ela veio tombar no lado que mil lâmpadas ocultas esbatiavam de azul cendrado.

Então foi apoteose:

Toda a água azul, ao recebê-la, se tornou vermelha de brasas, encapelada, ardida pela sua carne que o fogo penetrara... E numa ânsia de se extinguir, possessa, a fera nua mergulhou... Mas quanto mais se abismava, mais era lume ao seu redor...

... Até que por fim, num mistério, o fogo se apagou em ouro e, morto, o seu corpo flutuou heráldico sobre as águas douradas – tranquilas, mortas também...

.....  
.....  
A luz normal regressara. Era tempo. Mulheres debatiam-se em ataques de histerismo; homens, de rostos congestionados, tinham gestos incoerentes...

As portas abriram-se e nós mesmos, perdidos, sem chapéus – encontrámo-nos na rua, afogeados, perplexos... O ar fresco da noite, vergastando-nos, fez-nos despertar, e como se chegássemos de um sonho que os três houvéssemos sonhado – olhámos inquietos, num espanto mudo.

Sim, a impressão fora tão forte, a maravilha tão alucinadora, que não tivemos ânimo para dizer uma palavra.

Esmagados, aturdidos, cada um de nós voltou para sua casa...

Na tarde seguinte – ao acordar de um sono de onze horas – eu não acreditava já na estranha orgia: *A Orgia do Fogo*, como Ricardo lhe chamou depois.

Saí. Jantei.

Quando entrava no Café Riche, alguém me bateu no ombro:

– Então como passa o meu amigo? Vamos, as suas impressões?

Era Ricardo de Loureiro.

Falámos largamente acerca das extraordinárias coisas que presenciáramos. E o poeta concluiu que tudo aquilo mais lhe parecia hoje uma visão de onanista genial do que a simples realidade.

Quanto à americana fulva, não a tornei a ver. O próprio Gervásio deixou de falar nela. E, como se se tratasse de um mistério de Além a que valesse melhor não aludir – nunca mais nos referimos à noite admirável.

Se a sua lembrança me ficou para sempre gravada, não

foi por a ter vivido – mas sim porque, dessa noite, se originava a minha amizade com Ricardo de Loureiro.

Assim sucede com efeito. Referimos certos acontecimentos da nossa vida a outros mais fundamentais – e muitas vezes, em torno de um beijo, circula todo o mundo, toda uma humanidade.

De resto, no caso presente, que podia valer a noite fantástica em face do nosso encontro – *desse encontro que marcou o princípio da minha vida?*

Ah! sem dúvida amizade predestinada aquela que começava num cenário tão estranho, tão perturbador, tão dourado...